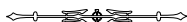


# Tânia



Jenia [Eugenia, sua irmã] morreu em 28 de dezembro, ao meio-dia [1941].  
Vovó morreu em 25 de janeiro, às 3 horas da tarde [1942].  
Lioka [Leonid, seu irmão] morreu em 17 de março, às 5 horas da manhã [1942].  
Tio Vássia morreu em 13 de abril, às 2 horas da manhã [1942].  
Tio Liocha, 10 de maio, às 4 horas da tarde [1942].  
Mamãe, 13 de maio, às 7h30 da manhã [1942].  
Os Savitchev [sua família] morreram.  
Todo mundo morreu.  
Tânia está sozinha.

A menina de 12 anos, Tatiana Nikolaievna Savitcheva, “Tânia”, que escreve esse atroz inventário, simboliza, de algum modo, a cidade de Leningrado sob o cerco. Ela é a caçula de uma família de cinco filhos. Seu pai morreu antes do início da guerra e sua família, os Savitchev, estava na cidade sitiada e sofreu o bloqueio.

Tânia escreve numa caderneta que pertence a sua irmã mais velha, Nina. De suas nove páginas, seis são dedicadas à morte de seus parentes.

Nem todos morreram na família. A irmã de Tânia, Nina, não estava em Leningrado, e por isso escapou da fome. Foi ela que, depois da guerra, voltando para casa, encontrou a caderneta de Tânia em seu apartamento



da ilha Vassilevski. Um de seus irmãos, Mikhail, que estava em combate, também sobreviveu.

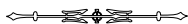
Tânia foi mandada, durante o verão, para a região de Gorki (Nijni Novgorod), em companhia de 140 crianças de Leningrado, graças à “Estrada da vida”. Na descida do trem, os habitantes da pequena localidade de Chatki que lá estavam para acolhê-los pensaram que as crianças estavam mortas, tal a magreza em que se encontravam. Quanto a Tânia, não podia se levantar.

A maior parte dessas crianças, entretanto, sobreviveu. Elas voltaram a andar; algumas chegavam a comer capim, para espanto dos habitantes, mas era impossível impedi-las.

Os médicos não conseguiram salvar Tânia, que morreu em 1º de julho de 1944. Sua sepultura se encontra em Chatki, onde faleceu, a mais de 1.000 km de Leningrado.

A caderneta de Tânia, hoje conservada no Museu de História de Leningrado, foi apresentada no processo de Nuremberg. Com suas palavras simples, lançadas como pequenas pedras de desespero, simboliza a tragédia sofrida por milhões de leningradenses.

## O que se tramava



O ataque de Leningrado não passa de uma parte do imenso dispositivo montado contra a URSS. A Wehrmacht alinha, na Frente Soviética, 166 divisões - 120 divisões de infantaria, 9 divisões de infantaria motorizada, 5 divisões de infantaria ligeira, 20 divisões de tanques Panzers, 3 divisões de montanha, 5 divisões de ss e 4 divisões de segurança. Dispõe, além disso, do apoio dos finlandeses, do corpo expedicionário romeno, que compreende dois exércitos e vários outros contingentes, de húngaros, italianos e eslovacos, o equivalente a vinte divisões suplementares.

A ofensiva geral é conduzida por três grupos de exércitos. O Grupo Norte, comandado pelo general von Leeb, tem como objetivo Leningrado; o Grupo Centro, comandado pelo general von Bock, parte da Polônia e marcha em di-



reção a Moscou; o Grupo Sul, comandado pelo general von Runstedt, parte da Boêmia e da Romênia e se dirige para Kiev, a capital da Ucrânia. Generais de alto nível como Erich Hoepner, Ernst Busch, Georg von Kuchler, Georg Lindemann, dão-lhes cobertura. Hitler é o comandante em chefe, enquanto Walther von Brauchitsch e Franz Halder não fazem mais do que transmitir suas ordens.

O Grupo de Exércitos Norte (*Heeresgruppe Nord*) é o elemento menos poderoso, com suas 29 divisões repartidas em 3 exércitos, possuindo apenas 3 divisões blindadas e 6 motorizadas. A ponta de lança de Leeb são os tanques, o 4º Grupo de Panzers do general Hoepner, localizado no centro, compreendendo 2 corpos comandados pelos generais von Manstein e Reinhardt. O 18º Exército de Georg von Kuchler é encarregado de guardar o flanco esquerdo do Grupo de Panzers e de se apoderar dos Estados bálticos. O 16º Exército de Ernst Busch tem a incumbência de proteger o flanco direito de Hoepner, assegurando a ligação com o Grupo de Exércitos Centro. A 1ª Esquadilha Aérea, destinada ao suporte a esse grupo de exércitos, é comandada pelo general Keller. Enfim, o Grupo Norte também pode contar – pelo menos, na teoria – com os 2º e 3º Corpos Finlandeses do marechal Carl Gustav Mannerheim, num total de 12 divisões, e também com uma transferência eventual do Grupo de Exércitos Centro, mas nenhum dos dois se mostrará confiável. Para tomar Leningrado, o agressor dispõe de 725 mil homens, 13 mil canhões e 1 mil e quinhentos tanques direcionados para a cidade com o apoio de 760 aviões.

O efeito surpresa deve ser total. Esse imperativo exige a reunião das forças armadas da maneira mais discreta possível, o que é difícil de realizar sem se fazer notar ao longo de uma linha que vai do Báltico ao Cáucaso. Nos dias que precedem ao ataque, 3 milhões de soldados do Reich e seu equipamento convergem para os 2 mil e 500 km de fronteiras soviéticas. A concentração das forças na Polônia, a presença de 1 milhão de soldados nazistas nos Bálcãs, as conquistas da Iugoslávia e da Grécia, a ocupação da Romênia, da Hungria, da Bulgária e, enfim, as manobras de reconhecimento concorrem para a montagem do dispositivo. A ordem é avançar camuflando-se na Prússia Oriental, na Polônia, na Eslováquia e na Moldávia.

Com a proximidade do Dia D, de toda parte, das frentes mais distantes, novas tropas são trazidas em trens, tudo no maior segredo. O soldado Wilhelm, de 21 anos, conta que tomou o trem na Bélgica, em Verviers, com “destino desconhecido”. Ninguém sabia de nada, nem ele nem os outros, e du-



rante o trajeto os rumores que circulam de vagão em vagão falam da Suécia ou da Finlândia. Esse filho de camponês de Püggen, um povoado de Saxe, acha-se assim lançado, mais do que conduzido, para a Frente do Leste ao final de uma viagem de trinta horas. Descendo na parada final em Elbing, na Prússia Oriental, ele marcha dia e noite para alcançar Heiligenbeil, depois Labiau, não longe de Königsberg, e enfim, um pouco ao norte de Tilsit, Heydekrug, o ponto de partida de sua ofensiva.

Em outro lugar, os alemães se escondem num trem de carga na véspera do fim de semana, adivinhando que este não será descarregado ao chegar. Com a estação de trem soviética deserta, eles descem dos vagões e se instalam em seus postos de combate.

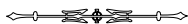
Os preparativos em terra, nem sempre muito discretos, são ainda menos discretos no mar, onde os alemães ocupam o terreno de maneira bem visível desde que a Finlândia autorizou um almirante da Kriegsmarine a comandar as forças navais alemãs a partir de Helsinque. Apesar das recomendações de Stalin para evitar qualquer provocação, os primeiros tiros do conflito germano-soviético foram disparados no Báltico alguns dias antes do ataque terrestre, e o que é mais espantoso, não por alemães, mas por soviéticos. Incomodados com a arrogância dos marinheiros finlandeses e alemães, os pilotos não resistem, durante um voo sobre Hiiumaa, uma ilha da Estônia, a soltar algumas salvas de canhão sobre a frota que os ameaça ao largo, formada pelos navios Cobra, Kaiser, Königin Luise, Brummer, que soltam minas, e pelas unidades Tannenberg e Hansastadt.

Foi mais um susto do que um verdadeiro ataque para os marinheiros da Kriegsmarine. Apenas arranhados, o Brummer, uma embarcação de 1.435 toneladas utilizada como navio-escola canhoneiro em tempo de paz, e o R-35 equipado com uma draga, continuam em bom estado de navegação e a cumprir suas missões mortais. Depois desse incidente, os soviéticos fecham o mar Báltico à navegação dos navios mercantes, embora quarenta navios russos estejam ancorados, aparentemente sem maiores problemas, em portos alemães.

Enquanto toneladas de materiais e milhões de soldados são encaminhados para a fronteira e muitos sinais indicam que os alemães se preparam para entrar em ação, na URSS, os soviéticos que dão sinal de alerta ou dão crédito aos sinais de ameaça, pretendendo preparar o país, são severamente repreendidos e penalizados.

O mesmo acontece com os alertas das embaixadas, os avisos dos Aliados, e mesmo os de Churchill, que não produziram efeito, pois foram interpretados como provocações. A propaganda soviética continua, até o último segundo, a atacar as democracias, louvando o pacto entre Alemanha e URSS e desmentindo todos os rumores sobre um eventual ataque nazista.

## O mal-entendido finlandês



Nenhum país foi tão desprezado durante a campanha alemã no leste da Europa quanto a Finlândia. O primeiro erro de Hitler foi tirar conclusões falsas sobre a espantosa resistência da Finlândia diante do Exército Vermelho durante o inverno de 1939-1940. Ele conclui, precipitadamente, que os 125 mil cadáveres de soldados soviéticos (contra “somente” 48 mil homens do exército finlandês) eram uma garantia de sucesso para sua própria ofensiva, omitindo a valentia heroica dos finlandeses. Seu segundo erro foi pensar que essa guerra alimentava ódios inextinguíveis, que apelavam para uma vingança mais do que para uma revanche. É certo que, em 1941, os dois povos, russo e finlandês, não se amam; a Finlândia foi invadida e depois ocupada pelos soviéticos em 1939. Além das mortes, tiveram de aceitar a tutela de um governo comunista fantoche e a assinatura de um tratado de paz humilhante, o Tratado de Moscou de 7 de março de 1940, que os privava de 10% de seu território e de 20% de seu potencial industrial.

A guerra que travam a partir de 1941, que, aliás, é chamada de “Guerra de Continuação” (*Jatkosota*), inscreve-se no prolongamento da Guerra de Inverno (dezembro de 1939-março de 1940). Eles querem recuperar seus territórios e, em particular, o famoso istmo de Carélia, que fica ao norte de Leningrado.

Os soviéticos, principalmente os da região militar de Leningrado situada na primeira linha, não apreciaram as humilhações da Guerra de Inverno, que revelou suas fraquezas. Mesmo na cidade de Leningrado, essa guerra persiste nas memórias como um pesadelo, num momento em que seus habitantes ignoram que ela deu início, apesar das divergências dos interesses, a nada

menos que “seis invernos consecutivos de guerra”! Também entre eles, a Segunda Guerra Mundial prolonga as hostilidades precedentes e os mesmos homens continuam a dirigir os mesmos combates com a mesma incompetência, à imagem de Kliment Vorochilov. Para os historiadores que defendem a tese de um Stalin “previdente”, a Guerra de Inverno constitui provavelmente uma das primeiras medidas defensivas de proteção do território, tendo em vista a guerra germano-soviética que viria dois anos depois. O ataque alemão reaviva a ferida daquele fracasso, a dificuldade da Rússia em constituir uma barreira estratégica para defender a antiga capital.

Recusar qualquer possibilidade de reconciliação, só considerar a vingança possível, como Hitler, é subestimar o peso do passado entre os dois povos e os vínculos que podem se estabelecer com um vizinho que compartilha 1.300 km de fronteiras. Mannerheim, o comandante em chefe finlandês, é o símbolo dessa situação. Embora formado na escola dos cadetes do grão-ducado da Finlândia, gravitou por muito tempo em torno do czar, inicialmente como pajem, depois como oficial da guarda de São Petersburgo. Sua família, de uma velha linhagem de aristocratas, instalou-se na Finlândia, mas é de origem sueca. Sua língua materna, portanto, é o sueco, mas em casa só fala francês. Essa formação poliglota explica, então, por que ele se expressa tão bem em russo quanto em suas línguas usuais. Por si só, Mannerheim é a prova de que a Finlândia, por mais “russofóbica” que seja, não pode se abstrair a uma certa comunhão de interesses com a Rússia.

Hitler considera o apoio da Finlândia como certo, quando a aliança que o comandante em chefe finlandês estabelece não tem nenhuma razão para ser incondicional. Ele sabe que Hitler entregou, no momento do pacto germano-soviético de 1939, a Finlândia para Stalin. Como esse fato ocorrera havia menos de dois anos, ele não confia na Alemanha. É somente por estar muito isolado – desde que a Suécia, fechada em sua neutralidade, abandonou seu país – que ele aceita essa aliança circunstancial. Desde o início de sua aproximação com a Alemanha ele explicita a natureza de seu compromisso: travar uma guerra de reconquista e não de conquista.

Hitler precisa de Mannerheim para manter sua ofensiva ao norte, avançando sobre o istmo de Carélia e atacando, ao mesmo tempo, a leste do lago Ladoga para prender Leningrado num movimento em pinça. A cidade de Beloostrov está a apenas 57 km da antiga capital russa, e a Finlândia, com

sua proximidade, beneficia a Alemanha. Nas primeiras horas da operação Barbarossa, tudo acontece como previsto por Hitler. A Finlândia serve de trampolim para a Alemanha. Os Junker, que são os primeiros a sobrevoar Leningrado, ficam estacionados em Malmi, aeródromo da capital finlandesa. Os navios estão ancorados em Helsinque e os homens ficam junto à fronteira. Desde 17 de junho, a Finlândia é mobilizada e, em 26 de junho de 1941, declara guerra à União Soviética. Os dois exércitos fino-germânicos do marechal Mannerheim (Carélia e Sudeste), assim como o Exército Noruegen do general Falkenhorst, movimentam-se pelo norte em direção a Leningrado. Graças aos 16<sup>o</sup> e 18<sup>o</sup> Exércitos, do Exército Noruegen, os alemães puderam dispor de 350 mil homens suplementares. Logo depois, em setembro-outubro, a Kriegsmarine, em apoio ao 17<sup>o</sup> Corpo do Exército do general Kuntz, desembarca e toma as ilhas do golfo da Finlândia (Moon, Dago e Oesel). Assim, no Báltico, o mar do Leste (Ostsee, como é chamado pelos alemães), Hitler, a partir de então, controla quase todos os territórios, da Dinamarca ao golfo da Finlândia.

Entretanto, ao mesmo tempo, os finlandeses mostram que sabem que arriscam muito com essa guerra e mantêm certa concepção de segurança. Helsinque aposta numa defesa territorial autônoma e não é uma aliada como a Hungria, a Bulgária ou a Romênia. Suas tropas são comandadas pelo próprio Mannerheim, e não pelo OKW (Oberkommando der Wehrmacht/Alto-Comando das Forças Armadas). Elas avançam passo a passo, atacando na Carélia somente em 10 de julho e chegando ao istmo propriamente dito em 15 de agosto. Se o comandante em chefe finlandês consente eventualmente em atacar além do rio Svir, a leste do lago Ladoga, em hipótese alguma pretende atacar Leningrado. Para ele, atacar a antiga capital é romper para sempre com os soviéticos e expor-se a represálias dolorosas em caso de derrota alemã – eventualidade que Mannerheim não descarta, pois é um dos raros dirigentes da época, com de Gaulle e Churchill, a prever a derrota da Alemanha. O que pode fazer a pequena Finlândia e seu exército de 400 mil homens, mal equipado e praticamente sem artilharia pesada e bombardeiros, diante do gigante que a cobiça?

Desde 2 de setembro, os finlandeses se mantêm junto à antiga fronteira fino-soviética, alcançando seu objetivo, e a partir de então praticamente não se mexem mais, esperando de arma em punho no istmo de Carélia, por um

momento em que Leningrado esteja vulnerável. Só resta um corredor estreito junto à margem ocidental do lago Ladoga. Os finlandeses chegam ainda a Maselskaia, depois cessam praticamente sua ofensiva, mesmo tomando Medvejiegorsk em 6 de dezembro.

Alguns dias depois, a entrada dos Estados Unidos na guerra confirma as apreensões de Mannerheim quanto ao futuro. Ele retém suas tropas mais do que nunca, apesar dos numerosos gestos de apoio de Hitler.

## O subtenente Weinrowski



Durante a campanha da França, ele explodiu pontes, dinamitou abrigos, destruiu povoados a ferro e fogo, marcando o horizonte com colunas de fumaça negra. Raramente teve medo: com menos de 25 anos, quando começa a luta pelo Reich, já é destemido. Suas mãos não tremem ao segurar a pesada torquês de ferro (espécie de alicate). Ele se inclina e aperta, aperta. Um estalido seco é o resultado de seu gesto. Sente-se todo-poderoso, representante de uma nação que se acredita dona do mundo. As bandeiras com a suástica flutuam em toda a Europa. Hitler, depois de desfilar na avenida Champs Élysées, em Paris, visitou o túmulo de Napoleão no Palácio dos Inválidos. Ele avança de vitória em vitória. Num mês, vence a Iugoslávia e a Grécia, inclusive Creta, último bastião rochoso antes da África.

Numa mudança histórica, já havia algumas semanas que o Führer havia desistido de vencer a Grã-Bretanha antes de atacar o Leste, antes de ir aos confins da Europa até a Ásia. O poder das armas com que Hitler pretende se impor nos territórios da União Soviética já transpassa a Ucrânia e o Cáucaso, ameaça Moscou e se prepara para sangrar Leningrado. Sob o fogo de suas armas, ele quer deslocar a fronteira soviética para uma linha que ligue o mar Báltico ao mar Negro e depois o mar Branco ao mar Cáspio, da glacial Arkhangelsk à oriental Astrakhan.

O subtenente Weinrowski abre novamente a torquês, sua mandíbula de ferro se fecha com dificuldade, emite um rangido sinistro. Na França, já assis-



tiu ao espetáculo do desespero das populações amedrontadas jogadas nas estradas, as colunas de prisioneiros e as casas em chamas após os bombardeios. Desde então, houve o turbilhão das últimas horas, o apelo, a mobilização, a partida. O trem especial para a Prússia Oriental, essa província que evoca para cada um dos alemães os cavaleiros teutônicos: a encarnação eterna do conquistador germânico, a capa branca com a cruz negra recobrando uma pesada armadura de aço, o semblante marcial mascarado pelo elmo.

Ponto final: Memel (Klaipėda), cidade anexada pelo Reich nazista desde 22 de março de 1939, sem que nem a França nem a Grã-Bretanha se manifestassem – numa omissão a mais por parte das democracias.

E ali, um passeio, ou antes, uma marcha com os novos recrutas da companhia, pela cidade dos cavaleiros da Ordem da Livônia. Em meio a uma multidão de soldados, o subtenente percebeu um castelo e as duas fortalezas da cidade e da *Kurische Nehrung*, o istmo da Curlândia.

No dia seguinte, partiram para o norte, os caminhões rodando com os faróis apagados, com as rodas envoltas em cobertores. *Ruhe!* (“Silêncio!”) era a palavra de ordem. Depois, passaram quatro longos dias emboscados numa floresta. Impossível esquecer-se do odor das ervas do bosque, do musgo dos troncos, da folhagem impenetrável, do sussurro imposto pelo capitão deixando a todos com a garganta seca. Proeza do Exército alemão, centenas de tanques e milhões de homens espalhados avançaram durante dias e foram reabastecidos com combustível e mantimentos sem se fazer notar. Ou então, aqueles que os viram não deram a essa concentração de homens sua verdadeira significação.

Ao longe, todos tiveram tempo de observar minúsculas silhuetas que iam e vinham, algumas raras sentinelas soviéticas que patrulhavam, sem jamais suspeitar da ameaça mortal planando sobre elas. Em 21 de junho de 1941, foi em surdina que escutaram o discurso de Hitler pelo rádio:

Soldados da Frente do Leste [...] é chegada a hora, é chegado o momento em que vamos iniciar uma operação que, por suas dimensões territoriais e pelas forças em jogo, é a mais grandiosa que o mundo jamais conheceu. [...] Que Deus os assista a todos nesse combate.

Há uma tensão inefável nas vigílias armadas.

Depois, veio o sinal fatal: *Vorwärts!* (“Avançar!”). Mesmo tendo ouvido essa ordem cem vezes, ninguém se habitua a esse grito. O suor escorre pelas costas,

o coração bate acelerado. Com as botas nos pés, o cinturão afivelado, a mão crispada na Mauser, o dedo no gatilho, uma bala no cano, em 22 de junho de 1941, ao amanhecer, eles se lançaram para fora do casulo protetor da floresta.

Na Frente Norte, a preparação da artilharia é rápida, quase inexistente, os tanques Panzers rugem numa nuvem de fumaça expelindo o cheiro ácido dos gases de escapamento; os homens surgem de toda parte. Atordoadas e isoladas, as sentinelas soviéticas, em seus postos, levantam as mãos para cima e se rendem. Algumas atiram antes de ser abatidas, sem entender o que está acontecendo.

Finalmente, os únicos verdadeiros combates são os travados por homens como Weinrowski, que enfrentam os emaranhados de arames farpados que materializam a fronteira. Por toda parte, o assobio de arames esticados, puxados bruscamente por alicates e enrolados em volta das estacas, corta o ar.

Numa curva – seria porque já estão habituados a entrar na casa dos vencidos como se fosse sua? –, foi sem apreensão, quase com indolência, que Weinrowski dirigiu-se a uma “isba”, cabana de camponeses russos. O telhado é de sapê, a pintura fresca das portas e das janelas não lhe servem de alerta. Ele gira a maçaneta.

Não teve sorte, a vistosa cabana não é o lar de uma laboriosa família de mujiques, mas a eficaz camuflagem de uma casamata. Os tiros ribombam. Atingido em sua escapada, Weinrowski vacila. As balas atravessaram seu pulmão. O sangue jorra, a respiração se torna sibilante. Ele fica ofegante, suspira, geme e, enfim, expira. O subtenente Weinrowski da 7ª Companhia do 501º Regimento de Infantaria acaba de entrar para a história como o primeiro morto da guerra no Leste.

Por outro lado, ninguém nunca saberá o nome do primeiro morto do Exército Vermelho! Houve tantos e no mesmo instante!

É um símbolo que permite medir o fosso que separa o supertreinado exército alemão de uniformes impecáveis e o exército dos soviéticos, imensa massa anônima, sem dúvida mais temível por sua quantidade que por sua qualidade, apesar do que afirma a propaganda stalinista.

## A estupefação



Sem descanso há muitos meses, o Exército Vermelho é elogiado, sua potência exaltada, a coragem de seus soldados, a determinação de seus quadros e a qualidade de seu armamento são elevadas ao mais alto grau. A força do partido sendo, com certeza, a base indestrutível.

Aliás, até então, os soviéticos só tiveram motivos para se felicitar com o acordo Molotov-Ribbentrop: a paz, novos territórios e o colapso de democracias nas quais não se podia confiar. Que estrategista genial, esse Stalin!

Ora, naquela manhã de 22 de junho, o que fica patente é que, depois da Polônia, cujos despojos foram partilhados com os nazistas, depois da Dinamarca esmagada sob a bota, a Noruega, os Países Baixos, a Bélgica e a França agredidos e ocupados, chega a vez da URSS de se render às ambições hitleristas.

Está longe a época em que Molotov declarava ao Soviete Supremo, como sendo uma verdade evidente:

Pode-se reconhecer ou negar a ideologia do hitlerismo, como qualquer outro sistema ideológico, isso depende dos pontos de vista políticos. Mas cada um compreenderá que é impossível destruir a ideologia pela força e eliminá-la pela guerra. É por isso que não somente é insensato, mas também criminoso fazer uma guerra “para a destruição do hitlerismo” dissimulada sob o falso pretexto de lutar pela “democracia”.

Mas quem ousaria se lembrar disso nessas horas tumultuadas?

É certo que ninguém sabe ainda qual é a amplitude da ofensiva, e menos ainda o povo. As notícias, mesmo no mais alto nível, chegam fragmentadas. Quando, às 5h30 da manhã, em 22 de junho, o embaixador alemão em Moscou, Friedrich Werner von der Schulenburg, comparece ao Kremlin para anunciar a guerra a Molotov, a estupefação atinge o ponto máximo, e as tropas alemãs já pressionam há muitas horas os guardas das fronteiras soviéticas e os soldados do Exército Vermelho, deixados sem ordens e muitas vezes sem armas diante delas.

Enquanto isso, os soviéticos obedecem às ordens de Stalin e deixam violar o espaço aéreo, permitindo a penetração das tropas alemãs. Recusam-se a

compreender, pelo menos aparentemente, o que está acontecendo, e os que querem reagir são impedidos, ou, quando tomam a iniciativa de se defender, são logo punidos.

Um desertor alemão, Alfred Liskov, que passou para o lado soviético no setor do 5º Exército na noite de 21 de junho, não deixou de prevenir que uma ofensiva se preparava e chegou mesmo a dizer a hora. (Uma semana depois, quando a informação já teria sido “verificada” pelo sangue derramado, o retrato do fugitivo ilustrava cartazes nos muros de Leningrado, noticiando o pretenso “desânimo das tropas alemãs”, demonstrado justamente pela deserção de Liskov!). Os oficiais que o interrogaram custaram a acreditar na informação, visto que as mais altas autoridades do Estado faziam tudo para desmentir tal eventualidade e temiam uma provocação. A informação é transmitida ao próprio Stalin... sem efeito. A ordem continua rígida: não se deve dar “nenhum pretexto” a Hitler para desencadear um conflito. Mantém-se, portanto, com as armas em descanso, ou quase.

O Exército Vermelho, então, acha-se em plena reorganização; suas defesas nos territórios ocupados e nas fronteiras estão desmanteladas e muitas vezes desarmadas. O armamento de que os militares devem ser dotados ainda não está pronto, os soldados não estão agrupados, estando bastante disseminados ao longo de uma frente eventual. A logística, quando existe, está dispersa e sem coordenação. Os quadros, em sua maioria, ainda não receberam a formação que lhes permita substituir seus predecessores eliminados ou aprisionados após os expurgos dos anos 1930. Alguns oficiais foram libertados das prisões do regime para finalidades úteis, mas nada está ainda funcionando seriamente.

Stalin quer, de qualquer maneira, evitar um confronto imediato, ele não está pronto e sabe disso, e quando acontecer – pois não dúvida desse fato –, pretende tomar a iniciativa. As declarações ruidosas não passam de fanfarroadas e de propaganda, mas em Moscou ou em Leningrado, poucos o sabem e o esperto georgiano acredita ser mais hábil que o adversário. Em todo caso, ele tenta ganhar tempo.